



Rogério Pereira
de Arruda

Olindo Belém, fotógrafo de Belo Horizonte

Olindo Belém estabeleceu-se em Belo Horizonte no início do século XX, ganhando notoriedade como um de seus mais hábeis profissionais. Este texto resgata sua trajetória e comenta o estabelecimento da atividade fotográfica na cidade.

Olindo Belém

> A fotografia em Minas Gerais é um tema pouco visitado pela historiografia mineira. Há, assim, um vasto campo de investigação que se descortina àqueles interessados na temática. Abrem-se possibilidades em torno da história da fotografia em termos das técnicas utilizadas, da trajetória social dos fotógrafos, da profissionalização da prática fotográfica, dos usos e funções da fotografia em períodos e regiões diversas, e, acima de tudo, permanece atual o desafio maior, que é o de buscar conhecimento histórico novo também por meio do conteúdo das próprias imagens. Nos últimos anos, vêm sendo tomadas algumas iniciativas nesse sentido, como o revelam os trabalhos de Arruda, Bartolomeu, Borges, Campos, Christo, Ribeiro, Souza e França; porém, há muito ainda a ser investigado.¹

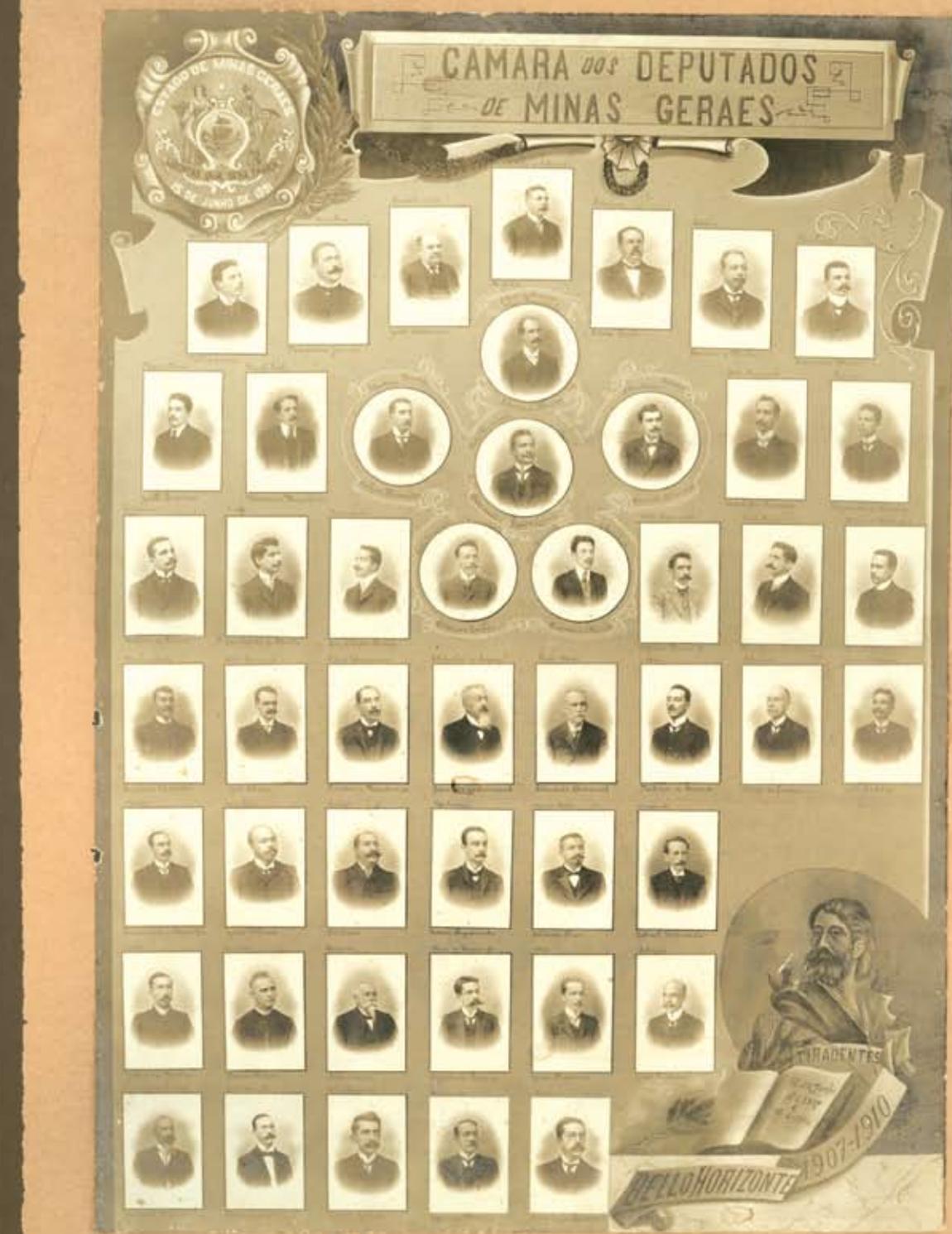
Este artigo, ao acompanhar a trajetória de Olindo Belém (1873-1950), fotógrafo, artista e empresário cinematográfico que viveu em Belo Horizonte nas duas primeiras décadas do século XX, é uma das contribuições à história da fotografia em Minas Gerais e, de modo específico, é um dos caminhos possíveis para investigar a implantação da fotografia na nova capital mineira.² Ao analisarmos os veículos de imprensa, as fotografias e os cartões-postais que circularam entre a inauguração da cidade, que se dá em 1897, e o início da década de 1920, encontramos ainda nomes como os de Francisco Soucasaux, João Cruz Salles, Raymundo Alves Pinto, João Faustino de Magalhães Castro, Aristides Junqueira, Francisco Theodoro Passig, Herculano de Souza, Iginio Bonfioli, Henrique den Dopfer, Ramos Arantes, Gines Géa Ribera, entre outros. Na capital inaugurada com o nome de Cidade de Minas, esses fotógrafos constroem, cada um à sua maneira, um modo de praticar a fotografia como um negócio. Todos são relevantes para a construção de um quadro amplo da implantação da fotografia na cidade e a constituição de uma cultura fotográfica em suas primeiras décadas, mas é a

trajetória de Olindo Belém que nos interessa, de modo especial, neste momento.³

Nossa intenção não é a de realizar uma biografia do fotógrafo, em termos tradicionais, pois não objetivamos uma narrativa que vá enumerando as ações de Olindo Belém, visando tão somente atingir um ponto determinado de sua vida e sua carreira. Pretendemos, sim, pensar de que modo sua *trajetória*, aqui concebida como o processo de “[...] colocações e deslocamentos no espaço social [...]”,⁴ conforme propõe Bourdieu, nos permite compreender suas contribuições para o surgimento de uma cultura visual eminentemente fotográfica e a constituição de um mercado para o exercício profissional da fotografia em Belo Horizonte.⁵

Nos periódicos pesquisados, Olindo Belém é um dos que mais comparecem com a publicação de fotografias e anúncios.⁶ Em Belo Horizonte, foi profissional dos mais requisitados pelas elites políticas e econômicas, então conscientes do valor da imagem no mundo moderno. Pedro Nava se refere a ele como um fotógrafo que registrou toda a tradicional família mineira de sua época.⁷ Ele permaneceu na cidade até 1921, quando se mudou, com sua família, para o Rio de Janeiro. Sua trajetória profissional na capital mineira é sintomática do modo como a prática fotográfica se instalou e foi exercida.

Como cidade planejada e construída a partir do apagamento da continuidade espaço-temporal com o arraial de Belo Horizonte, antigo Curral del Rei, tudo deveria ser criado a partir do zero, inclusive sua cultura visual. Num primeiro momento, são os fotógrafos do Gabinete Fotográfico da Comissão Construtora da Nova Capital (CCNC)⁸ que se empenham em criar as primeiras imagens do povoado, que seria então destruído, e da construção propriamente dita. Tais fotografias são as primeiras, junto às plantas urbanas e aos projetos arquitetônicos, a iniciar uma



tradição imagética na cidade.⁹ Com a inauguração da capital, há a continuidade desse processo, pois a fotografia vem atender a duas demandas principais: a do poder político-administrativo do estado e a social, dos seus primeiros moradores.

Os fotógrafos, então, são aqueles que tentam traduzir em imagens as expectativas trazidas pela promessa de um tempo de prosperidade no estado de Minas, seja mostrando as conquistas representadas pela paisagem urbana da cidade, seja fotografando os principais expoentes da economia, da política e da cultura. Dentre outros empreendimentos no campo da produção cultural, os álbuns fotográficos com as vistas urbanas, os cartões-postais, a publicação de fotografias em revistas, os retratos, muitos no formato *carte de visite*, foram as principais formas de expressar tais expectativas. As imagens de Olindo Belém não deixaram de explorar todas essas possibilidades. Podem ser pensadas como *representações* que, ao articularem ausência e presença, nos aproximam de aspectos de um determinado passado que nos chega fragmentado, parcial, em pedaços, mas ao qual tentamos dar coerência por meio do trabalho de análise. Uma espécie de alinhavo que, de ponto em ponto, pretende restituir parte dessa trama histórica, sob a perspectiva da fotografia.

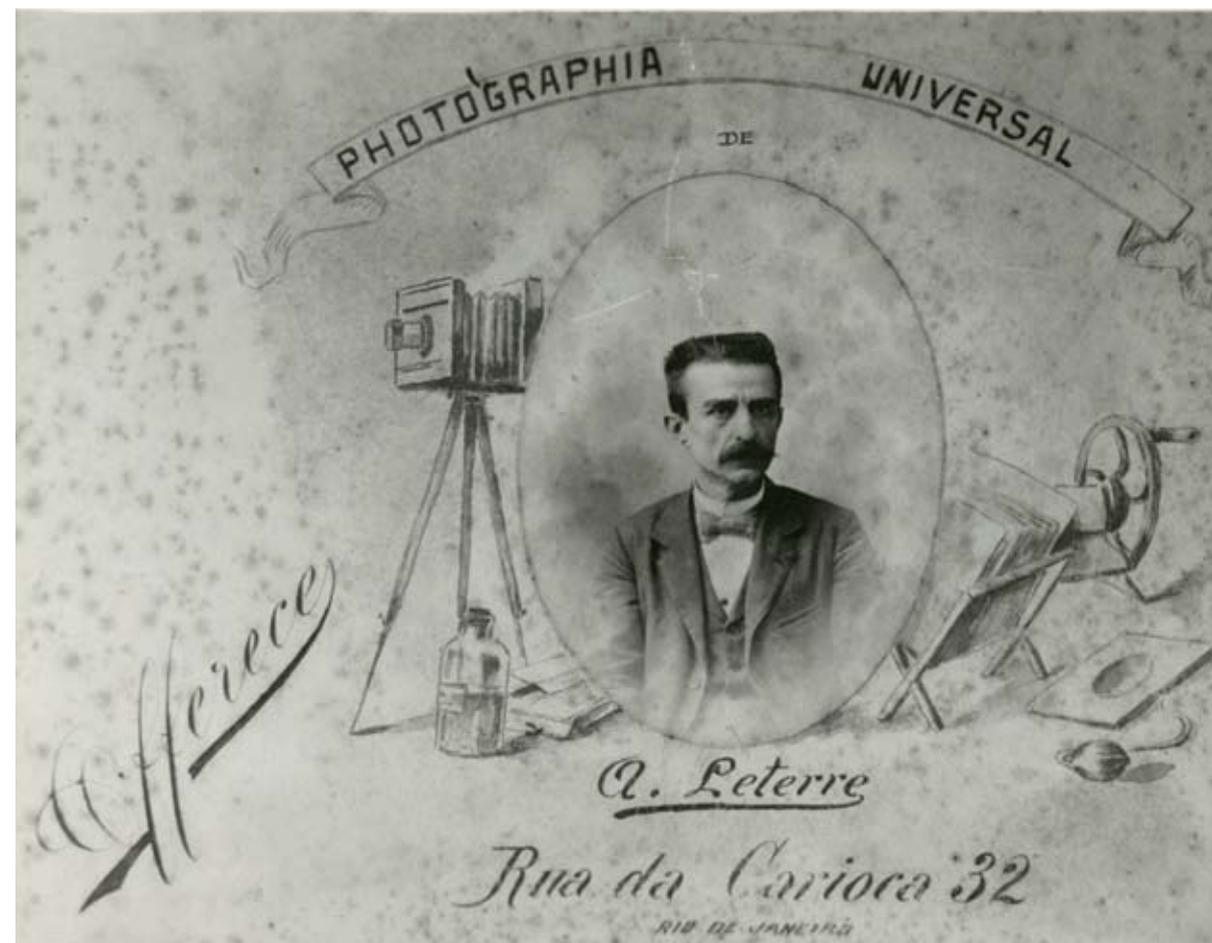
A fotografia pós-Gabinete Fotográfico

Diferentemente do que registram algumas publicações,¹⁰ sabe-se hoje que Olindo Belém nasceu no Rio de Janeiro em 1873 e se dirigiu à capital de Minas após ter concluído os estudos em Juiz de Fora, no Colégio Granbery, e lá ter se casado.¹¹ Imagina-se que, em Belo Horizonte, ia ao encontro do pai, que havia estabelecido um hotel na cidade ainda em construção.¹² Segundo relato familiar, em Belo Horizonte manteve contato com Francisco Soucasaux, que o teria iniciado na prática da fotografia.¹³ Mas o



Anúncio do fotógrafo e dentista José Faustino de Magalhães Castro publicado no *Almanack administrativo, mercantil, industrial, científico e literário do Município de Ouro Preto*, 1890.

sogro de Belém, Herculano de Souza, era igualmente fotógrafo e talvez tivesse colaborado para o aprendizado do genro. Em sua época, outro caminho para esse aprendizado eram os manuais de fotografia, que circularam no período e foram utilizados por muitos daqueles que se dedicaram profissionalmente à fotografia.¹⁴ Ainda segundo o relato familiar, Olindo Belém, após ter adquirido materiais e equipamentos necessários, viajou pelas cidades próximas a Belo Horizonte, para nelas exercer seu novo ofício. Durante quatro anos, passou por Campo Belo, Cristais, Itabira do Campo e Sabará, até se fixar na capital. Pode-se afirmar, então, que sua iniciação à fotografia se deu por meio da itinerância fotográfica,



Fotografia de cartão da Photographia Universal de A. Leterre. Rio de Janeiro, 1900. Fundo Secretaria do Interior/Arquivo Público Mineiro – SI - 031(03). www.siaapm.cultura.mg.gov.br

o que era uma prática na vida dos fotógrafos nacionais e estrangeiros do século XIX e dos primeiros anos do século XX, como demonstram alguns estudos, entre eles os de Christo, Kossoy e Vasquez.¹⁵

No que tange ao período posterior à inauguração da cidade, podemos afirmar que os primeiros fotógrafos a se estabelecerem são aqueles que atuavam na CCNC, integrantes ou não do Gabinete Fotográfico, bem como alguns interessados em exercer o ofício em uma nova cidade. Vindos de outras regiões do país ou mesmo do

exterior, buscavam em Belo Horizonte as oportunidades proporcionadas pela cidade: novas paisagens, novos clientes, novos desafios, novas formas de ganhar a vida. Apostavam nas funções da fotografia, seja como forma de documentação considerada fidedigna da realidade (isto é, o registro técnico), seja como forma de produzir imagens calcadas numa noção do belo, muito influenciada pela estética clássica (isto é, o registro artístico). Nessa medida, suas práticas foram pioneiras na formação de uma cultura visual na nova capital, essencialmente comprometida com a linguagem fotográfica.

Desde os primeiros anos de vida da cidade, encontramos anúncios de fotógrafos nela estabelecidos, e ainda os de estabelecimentos fotográficos do Rio de Janeiro, São Paulo e Juiz de Fora. Em 17 de janeiro de 1901, o *Diário de Minas* publicou anúncio sobre a visita do proprietário da Photographia Leterre, do estabelecimento fotográfico do Rio de Janeiro, que esteve em Belo Horizonte a serviço do Senado, da Câmara dos Deputados e da Faculdade de Direito.¹⁶ Nesse primeiro momento da capital, a visita, que era uma prática da época, talvez se justificasse também pela falta de estrutura que os ateliês instalados na cidade ofereciam, ou porque ainda não tinham conquistado o mesmo prestígio desfrutado pelos congêneres da capital federal. O anúncio, ocupando um quarto da página, detalhava:

Sendo a sua demora nesta cidade somente de 3 dias previne ás pessoas que desejarem aproveitar os seus serviços que se acha á disposição no Grande Hotel até as 10 horas da manhã e das 2 da tarde em diante no atelier do sr. Magalhães Castro [...].

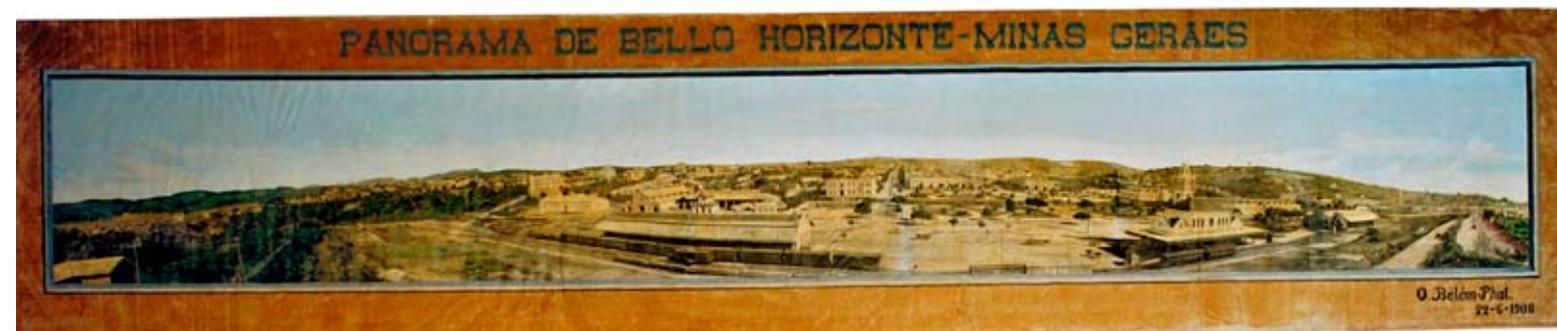
O “sr. Magalhães Castro”, que lhe empresta o ateliê, talvez com a intenção de também promover seu negócio, é um dos primeiros fotógrafos a anunciar seus serviços na imprensa da capital, e o faz em 1899, no *Diário de Minas*.¹⁷ Conforme nos informa Abílio Barreto, era um profissional que já estava inserido na localidade, na rua do Capão, antes mesmo da construção da cidade, e se instala definitivamente na nova capital quando ela é inaugurada.¹⁸ No entanto, ele não era somente fotógrafo, mas também dentista, e fazia com que seus anúncios destacassem sua experiência. Anunciava: “Dentista e photographo, com pratica dessas artes há mais de 20 annos, vem offerecer ao publico desta Capital os seus serviços, garantindo a maxima perfeição e modicidade em preços”.

Como se vê, ele exerce na capital os dois ofícios que já praticava há duas décadas e se apresenta como capacitado nas duas artes, não temendo “competidor na collocação de dentaduras á ouro e á vulcanite” e garantindo que seus retratos e vistas da capital eram “executados a capricho e tirados de diversos pontos com todos os preceitos da arte”. A perfeição, a modicidade de preços, o capricho e o trabalho artístico prometidos são elementos fundamentais que valorizavam a fotografia diante de sua possível clientela. Essa forma de propaganda inscreve-se no processo de formação de um mercado consumidor de fotografias na cidade, ou seja, garantem-se preços acessíveis e a obediência aos preceitos da arte como um modo de conquistar o cliente, característica que observou Christo ao estudar a fotografia em Juiz de Fora. Essas promessas de propaganda são também elementos que nos ajudam a compreender a formação da cultura visual, especialmente fotográfica, na cidade.

Medalha de ouro

Nos anúncios do seu novo ateliê fotográfico, inaugurado em 1910, Olindo Belém se apresentava como ganhador de medalha de ouro na Exposição Nacional de 1908.¹⁹ Esse evento foi realizado no Rio de Janeiro e comemorava o primeiro centenário da abertura dos portos às nações estrangeiras.²⁰ A exposição, apesar de nacional, abrigou um pavilhão de Portugal oferecido pelo governo brasileiro, em virtude da data comemorativa. Estudos recentes retomam a discussão sobre a exposição, entre os quais se destacam o de Borges, que vincula o evento ao debate sobre a nacionalidade brasileira, e o de Levy, que avalia seus significados para o país, principalmente o aspecto da arquitetura efêmera.²¹

Houve, como era de praxe nesse tipo de acontecimento, a distribuição de prêmios pela excelência dos produtos. O artigo 21 das bases para a exposição definia que o:



Fotopintura *Panorama de Bello Horizonte – Minas Geraes*. Com esta obra, Olindo Belém ganhou a medalha de ouro na Exposição Nacional de 1908, no Rio de Janeiro. Acervo Museu Histórico Abílio Barreto, Belo Horizonte, MG.

“Merito das exhibições será determinado por um Jury de Premios, que se reunirá no decorrer do ultimo mez da Exposição [...]”.²² Os prêmios eram de quatro classes, denominados grande prêmio, medalha de ouro, medalha de prata e medalha de bronze. De acordo com o artigo citado, “Cada diploma será acompanhado de uma medalha commemorativa da Exposição, na qual será inscripto o premio alcançado pelo expositor”.²³ Todos os produtos expostos eram submetidos à avaliação dos membros do júri, que, entre outros trabalhos, premiou uma fotografia exposta por Olindo Belém. Seu trabalho foi apresentado na seção de artes liberais, subdividida em 11 grupos, entre os quais o de número cinco, dedicado às fotografias. Nesse grupo, três fotógrafos de Belo Horizonte apresentaram seus trabalhos. Jayme Salse expôs 31 quadros com fotografias da cidade. Aristides Junqueira apresentou um *Esplendido panorama de Bello Horizonte, com cerca de 12 metros de extensão* – tratava-se de uma fotografia pintada com aquarela. Olindo Belém compareceu com outro *Esplendido panorama, também colorido a aquarella*; no entanto, ele apresentava outro ponto de vista da capital.²⁴

A fotografia premiada de Olindo Belém era, na verdade, um trabalho de fotopintura feito sobre um panorama

fotográfico da cidade.²⁵ Mas, ao que parece, a foto não foi realizada para a exposição, pois a obra aparece publicada em um encarte no *Guia de Bello Horizonte* de 1912 e dela consta como data de sua realização 22 de junho de 1906.²⁶ A obra mede 5,27 x 1,04 e apresenta um panorama da cidade a partir da rua Sapucaí. Vê-se, em primeiro plano, as edificações e a Praça da Estação Ferroviária, na época principal ponto de chegada à capital. Ao fundo, a cidade se descortina em meio a poucas e baixas construções, misturadas à predominância do colorido verde da paisagem. Esse trabalho ilustra bem a imbricação entre a fotografia e a pintura, questão que está presente desde as origens dos diversos processos fotográficos e que se expressou de maneira exemplar por meio do pictorialismo.²⁷

Em 1915, alguns anos após a conquista na Exposição Nacional de 1908, os anúncios do fotógrafo traziam uma reprodução das duas faces da medalha conquistada, mas a menção ao prêmio se modificou para Grande Prêmio na Exposição Nacional, numa demonstração clara da ação do tempo sobre a memória social.²⁸ Naquele ano, ele passa a ser o vencedor de um grande prêmio que significava mais que a medalha de ouro. Isso traduzia o reconhecimento máximo e,

Olindo Belém



Habilíssimo photographo e nosso distincto amigo em Bello Horizonte, cercado de seus interessantes filhinhos.

Olindo Belém, habilíssimo photographo e nosso distincto amigo em Bello Horizonte, cercado de seus interessantes filhinhos. Página da Revista do Brasil, ano 2, n.10 – número especial dedicado ao estado de Minas Gerais (tiragem de 10.000 exemplares). Bahia, 31 de janeiro de 1908.

portanto, um nobre cartão de apresentação para seus clientes e a distinção que o diferenciava dos demais concorrentes. As exposições, nesse sentido, eram também eventos que promoviam o reconhecimento e a validação dos produtos e serviços oferecidos por aqueles que nela expunham seus trabalhos, principalmente os que eram premiados. No anúncio de Olindo Belém, não podemos saber se houve um equívoco ou uma ação intencional por parte de quem redigiu o texto, mas podemos destacar que se operava dentro da lógica de sair em vantagem na concorrência por meio da divulgação do reconhecimento de seu trabalho dado por uma instituição de grande prestígio, uma exposição.²⁹

Olindo Belém, ao se apresentar como ganhador da medalha de ouro na Exposição Nacional de 1908, ou do grande prêmio, lançava mão de uma estratégia comum àqueles agraciados com distinções e prêmios, ou seja, tornava-os elemento central na divulgação de seus serviços, produtos ou negócios. O destaque a uma distinção recebida já era uma prática também entre os fotógrafos desde o século XIX, quando Marc Ferrez se apresentava como “Photographo da Marinha Imperial e da Comissão Geologica” ou quando Insley Pacheco, João Ferreira Guimarães, Stahl & Wahnschaffe, Klumb, Henschel & Benque e Otto Hees se apresentavam, com a honraria conquistada, como “Photographos da Casa Imperial”.³⁰ A utilização desse título como forma de propaganda era um modo de conferir um diferencial não somente no mercado de produção de imagens, mas diante de toda a sociedade, pois trabalhavam para a família mais importante do império. Tal proximidade conferia *status* e produzia um efeito de admiração e respeito que, com certeza, se refletia na inserção social desses fotógrafos e na formação de suas clientelas.

Em um dos anúncios de Olindo Belém, publicado no *Guia de Bello Horizonte* de 1912, pode-se constatar a abrangência de suas atividades no ramo da fotografia.

Anúncio da Photographia Belém publicado no *Guia de Bello Horizonte – Indicador da Capital*, Ano I. Belo Horizonte, MG, 1912. Coleção Linhares/Biblioteca Central da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.

Nele, é apresentada a localização do ateliê – “Bahia, 1057”, rua da cidade que será por muito tempo um eixo importante de circulação, pois nela se reuniam as melhores lojas, cinemas, cafés, confeitarias e livrarias. O texto do anúncio detalha os serviços prestados pelo profissional, que “Executa com perfeição qualquer trabalho photographico desde a miniatura até o tamanho natural”. Também realiza “Revelação de clichês, retoque, impressão, augmentos, etc”. Pode-se afirmar que Olindo Belém, conjuntamente às casas Lunardi & Machado e Arthur Haas, foi pioneiro na implantação da comercialização de produtos

fotográficos na cidade, como pode ser visto pelo seguinte destaque em trecho do seu anúncio: “Deposito de materiaes e accessorios para photographia”. Uma das formas de acesso a tais materiais era por meio dos catálogos distribuídos por fornecedores do Rio de Janeiro e São Paulo. Bastos Dias é um desses fornecedores do Rio; em 13 de abril de 1911, anunciou no *Diário de Minas*, aos fotógrafos e amadores, “que acaba de sair do prelo o seu novo catalogo com grande redução de preços e um completo formulário para 1911 que se envia grátis para todos os estados do Brazil”. Talvez o próprio Olindo Belém fosse um dos seus clientes, facilitando o acesso aos produtos necessários à prática da fotografia.

Um dos pioneiros no fornecimento de materiais fotográficos para a cidade foi o estabelecimento de Marc Ferrez, do Rio de Janeiro. Durante o período de construção de Belo Horizonte, os materiais fotográficos foram nele adquiridos e pode-se afirmar que, algum tempo após a inauguração, ele ainda continuava a fornecer equipamentos e acessórios aos fotógrafos da cidade. No *Tratado pratico de photographia*, de Raymundo Pinto, publicado em 1904, há um anúncio destacando os serviços prestados pelo estabelecimento de Ferrez.³¹ Também no *Propagador Mineiro*, de 1907, periódico de Raymundo Pinto, indicava-se que os materiais fotográficos e cinematográficos comercializados pela agência de informações mantida por ele eram fornecidos pela casa de Ferrez.³² Outro serviço original do anúncio de Olindo Belém é o franqueamento de seu “Laboratório”, que estava “à disposição dos snrs amadores”. Ou seja, estava aberto àqueles que, mesmo não atuando como profissionais, dominavam os procedimentos de laboratório da fotografia.

Um último aspecto do anúncio põe em destaque que a Photographia Belém “Attende a chamados para o interior”, demonstrando uma das principais características que nasce com a invenção e o exercício da fotografia e

que a acompanhará durante muitas décadas: a itinerância fotográfica. Foi exatamente assim que Belém iniciou suas atividades profissionais com a fotografia. Mesmo tendo se estabelecido na capital, Olindo Belém, pelo que dá a entender seu panfleto, dispunha-se então a se deslocar para outros locais do estado, não sabemos a que distância da capital, para atender às demandas do interior e viabilizar seu negócio, fosse porque tivesse tempo ocioso na jovem cidade, fosse porque pretendesse expandir suas atividades.

No entanto, o que esse anúncio não traz, mas que já é detalhado em outro, publicado em 1920, são os serviços de “retrato a óleo, a pastel, a aquarella” e a fotografia em esmalte e porcelana, o que aproxima os serviços prestados pelo ateliê à atuação de Belém como pintor.³³

Olindo Belém: trajetória

A trajetória de Olindo Belém e dos primeiros fotógrafos em Belo Horizonte revela aspectos do processo de constituição de um mercado de consumo para a fotografia, o qual não contava ainda com o fotógrafo como categoria profissional bem definida. Como dito anteriormente, nesse primeiro momento, a prática da fotografia não estava de todo profissionalizada e muitos dos fotógrafos desenvolviam atividades paralelas, no campo das imagens ou em direções distintas.

Magalhães Castro atuava na odontologia; Francisco Soucasaux trabalhava na construção civil e no ramo de entretenimentos, à frente do primeiro teatro da capital; Igino Bonfioli manteve uma tipografia e papelaria por muitos anos e se tornou cineasta e produtor cinematográfico; ao passo que Raymundo Pinto foi também um dos pioneiros do cinema no estado. Outros exemplos poderiam ser citados, ficamos com esses. Com exceção de Castro, podem ser vistos como

Fachada do prédio da Associação Literária de Pará de Minas. Fotografia de Olindo Belém. Pará de Minas, MG, 1912. Coleção Nelson Coelho de Senna/Arquivo Público Mineiro – NCS-119 (01). www.siaapm.cultura.mg.gov.br
Cerimônia inaugural da Associação Literária de Pará de Minas. Fotografia de Olindo Belém. Pará de Minas, MG, 1912. Coleção Nelson Coelho de Senna/Arquivo Público Mineiro – NCS-119 (02). www.siaapm.cultura.mg.gov.br





Retrato do marechal Taumaturgo de Azevedo. Fotografia de Olindo Belém. Sem local e data. Fundo Tipografia Guimarães/Arquivo Público Mineiro – TG-105-001. www.siaapm.cultura.mg.gov.br

Retrato de d. Celina Varella Jacob, esposa do dr. Benjamim Jacob. Fotografia de Olindo Belém. Belo Horizonte, MG, circa 1920. Coleção Luís Augusto de Lima, Nova Lima, MG.

empreendedores culturais, demonstrando a proximidade da fotografia com o mundo dos espetáculos, tal qual nos lembra Christo, citando Moura.³⁴ Profissionais que, além de exercerem o ofício da fotografia, atuavam em ramos próximos, como o cinema e a pintura, por exemplo.

Essa é uma característica da prática da fotografia nas primeiras décadas em Belo Horizonte, que tendeu a se modificar quando a demanda por imagens aumentou. Isso se deu devido ao crescimento populacional, à criação de cargos de fotógrafos em repartições públicas e instituições diversas e, mais tarde, à atribuição de novas funções à fotografia, como a identificação e o registro do trabalhador por meio da carteira de trabalho com foto, na década de 1930. A esses aspectos, há que se agregar as mudanças econômicas e culturais que transformaram a maneira como a sociedade se relacionava com as imagens,

promovendo impactos na forma estética, na técnica e no consumo delas, realidade que se tornou mais evidente em meados do século XX.³⁵

Em Belo Horizonte, Olindo Belém era conhecido como empresário, fotógrafo e pintor, mas foi por meio da fotografia que se inseriu no panorama cultural de Minas Gerais. Belém teve atuação, ainda, como exibidor cinematográfico, pois era um dos sócios do Cinema Colosso; porém, ao que parece até o momento, não foi uma atividade de longa duração. Sua atuação no cinema não estava concentrada apenas no entretenimento, mas também dirigia-se à reflexão e ao debate. É o que podemos observar pela notícia “Conferencias Litterarias”,³⁶ publicada em 1908:

A serie de conferencias litterarias, contractadas pelos srs. Belém, Allevato & Comp. foi inaugurada domingo, com grande brilhantismo. [...]

Em addendo a essa festa de arte, os srs. Belém, Allevato & Comp. ofereceram á numerosa assistencia uma sessão cinematographica, cujo programa constou de fitas e vistas ainda não conhecidas aqui, as quaes muito agradaram. [...]

A julgar-se pelo brilho e animação da primeira conferencia, é de se esperar que a serie contractada pelos srs. Belém, Allevato & Comp. continue concorridissima.

Porém, foram seus trabalhos fotográficos que ganharam maior destaque na imprensa do período. É possível que tivesse algum assistente em seu ateliê e que pudesse, inclusive, fotografar para o estabelecimento; no entanto, as fontes não trazem essa informação. O que se encontra na imprensa do período é o elogio ao seu trabalho e a valorização de seu talento artístico. As fotografias que trazem sua autoria fazem referência ora ao ateliê, ora ao próprio fotógrafo.

As formas de identificação encontradas foram: O. Belém, Phot. Belém, O. Belém Phot., Photo Belém e O. Belém & Co.

No *Anuario de Minas Geraes* de 1907, todas as fotos dos prédios públicos da capital são de sua autoria.³⁷ Todas as imagens seguem um mesmo padrão de composição, as tomadas se dão em ângulo oblíquo, mostrando tanto a frente como a lateral da edificação, e de baixo para cima, ressaltando o tamanho dela. Sempre que possível, algum elemento, como uma pessoa, uma árvore ou mesmo um carro, é apresentado na imagem para possibilitar um dimensionamento do prédio fotografado. Obedecia-se, assim, a um padrão já estabelecido nesse tipo de fotografia, veiculado em álbuns e cartões-postais.³⁸

Suas imagens também ilustraram alguns cartões-postais que foram editados na cidade. Constam da Coleção de Otávio Dias Filho cinco postais em que Olindo Belém mostra aspectos da cidade nos seus primeiros tempos, tal como o fizeram Francisco Soucasaux, em 1902, e a Casa Lunardi & Machado, em 1905, inclusive com algumas imagens feitas pela O. Belém Phot. Em um dos postais da coleção, a mensagem do remetente indica a data, 1906, o que torna possível deduzir que os demais pertençam ao mesmo lote, sendo feitos à mesma época.³⁹

Vemos neles uma cidade ainda com as ruas sem calçamento e com suas primeiras casas erguidas. A avenida Afonso Pena, a rua da Bahia, a rua Espírito Santo e a Praça da Liberdade são os logradouros públicos que as imagens mostram e que seriam recorrentemente fotografados nas décadas seguintes, porque, de fato, tornaram-se pontos relevantes no traçado urbano e espaços por onde circularam e viveram intensamente gerações de moradores da cidade. Os postais oferecem algumas cenas da cidade e atendem



Retrato dos filhos do dr. Benjamim Jacob: Selma, Hélio e Ney. Fotografia de Olindo Belém. Belo Horizonte, MG, 1916. Coleção Luís Augusto de Lima, Nova Lima, MG.

Retrato de Celso Renato Jacob de Lima com um ano de idade. Fotografia de Olindo Belém. Belo Horizonte, MG, 1920. Coleção Luís Augusto de Lima, Nova Lima, MG.

a uma demanda moderna pela imagem, ao mesmo tempo que explicitam a expectativa de futuro, o desejo de preenchimento da imagem por tudo aquilo que ainda não havia sido possível realizar, mas que se sonhara. Os cartões de Olindo Belém apresentam Belo Horizonte como obra bem-sucedida e parecem esperar a ação do futuro sobre a cidade feita imagem, transformando e completando o empreendimento moderno iniciado. Imagens de uma metrópole que vive o presente aguardando um futuro.

Algumas de suas fotos apareciam sob a epígrafe de “arte photographica”. É o que acontece, por exemplo, nas revistas *Vita*, *Vida de Minas*, *A Vida de Minas* e *Minas Illustrada*. Nelas, havia espaço especial para a “arte photographica”, em geral uma página inteira, e as fotos eram apresentadas como se fossem quadros, muitas delas emolduradas com motivos *art nouveau*.

Tratava-se, na grande maioria, de retratos da elite da época: políticos em destaque, homens de negócios, intelectuais, profissionais da imprensa, bem como suas filhas, filhos e esposas.⁴⁰

Esses retratos eram, na maioria das vezes, realizados em cenários montados em estúdio ou mesmo fora deles, ao ar livre, por exemplo, mas que garantiam um trabalho de qualidade. Nesse caso, objetivava-se controlar o enquadramento e a composição, dispondo bem a luz para realçar os elementos do cenário e a pessoa fotografada. Com esse procedimento minucioso, almejava-se aproximar a fotografia do modo como se fazia a pintura. Pode-se afirmar que, em meio à multiplicação do uso da fotografia nas páginas dos periódicos, buscava-se garantir um *status* de arte, seja por meio de alguns procedimentos relativos ao modo como era produzida, seja por meio da maneira como era disposta nas páginas da imprensa.

Sua inserção também está pautada pela abertura de seu ateliê para as exposições de arte, não somente de pintura, mas também de escultura e fotografia. Em 6 de julho de 1914, por exemplo, o *Diário de Minas* anuncia exposição de A. Brunelli, ressaltando que: “[...] tivemos ensejo de apreciar, na photographia O. Belém, mais um seu labor: é uma estatueta representando a Republica Brasileira, talhada em madeira nacional”.⁴¹ Na cidade ainda carente de locais para exposições de arte, o ateliê do artista se torna um espaço de sociabilidade e vitrine para a arte produzida e em circulação na cidade. Suas fotografias também ficavam expostas em seu ateliê-vitrine, como podemos verificar em notícia de 4 de julho de 1914, também no *Diário de Minas*:

No *atelier* da excellente photographia do sr. Olindo Belem, à rua da Bahia, acha-se exposto um magnífico retrato do dr. José Gonçalves de Souza, secretario da Agricultura. O trabalho do

exímio photographo nada deixa a desejar, tal a sua perfeita execução.⁴²

Fazer retratos era uma das principais demandas aos fotógrafos, e Olindo Belém não se furtou a ela. Na sua produção de fotografias, os retratos ocupam lugar de destaque, com imagens dos prefeitos da capital, de outras autoridades públicas, como o secretário de Agricultura da notícia acima, ou dos formandos da turma de direito do ano de 1915. Em relação aos prefeitos, é importante observar que as fotografias fixam imagens de indivíduos que não permanecem por muito tempo no governo da cidade. Em 1910, com 13 anos de história, a capital já tivera 10 dirigentes. Tal rotatividade é indicativa da instabilidade política do estado e, com certeza, refletiu-se na administração da cidade.⁴³

Ao realizar seus retratos, Olindo Belém seguia as recomendações presentes nos tratados de fotografia do período. Um desses, ao qual o fotógrafo possivelmente teve acesso, era o de Raymundo A. Pinto, já citado anteriormente. Nele, o autor afirma que os dois pontos mais difíceis na fotografia são a colocação e a posição, seja de um grupo, seja de uma pessoa. Para ele, “dar uma conveniente e natural posição a uma pessoa que nos vae servir de modelo e bem assim a collocação para um grupo, é mais difficel do que a primeira vista nos parece”.⁴⁴ E recomendava que os integrantes do grupo não fossem alinhados, mas dispostos de modo simétrico e com os corpos descontraídos. Para o retrato individual, recomendava que a pessoa não olhasse diretamente para a objetiva e que direcionasse o olhar para um ponto fixo e em direção à sombra. No entanto, admitia exceções a essa regra, pois havia “pessoas que dão bonito retrato, tirado de frente”.⁴⁵ Assim, os retratos demonstram o cumprimento dos preceitos artísticos do período e a busca por fixar uma identidade para o fotografado em que a imponência, o respeito e a austeridade fossem as principais ideias associadas à sua imagem.



Retrato do dr. Jacques Dias Maciel. Fotografia de Olindo Belém. Belo Horizonte, MG, 1900/1910. Fundo Olegário Maciel/Arquivo Público Mineiro – OM-1-027. www.siaapm.cultura.mg.gov.br

Retrato do dr. João Pinheiro da Silva. Fotografia de Olindo Belém. Belo Horizonte, MG, 1900/1906. Coleção Luís Augusto de Lima, Nova Lima, MG.

Retrato de Benjamin Jacob, prefeito de Belo Horizonte entre 1906 e 1909. O. Belem Phot. Belo Horizonte, MG, 1906/1909. Coleção Belo Horizonte/Acervo Museu Histórico Abílio Barreto (MHAB).

Uma das últimas referências a Olindo Belém na cidade data de 1920, quando o casal real belga a visita. Ele fotografou esse evento, como os demais fotógrafos instalados na capital, e é possível que este tenha sido seu último trabalho fotográfico de relevância, antes de ir para o Rio de Janeiro.

Ida para o Rio de Janeiro

Segundo relatam seus familiares, Olindo Belém decidiu ir para o Rio de Janeiro por insistência de dois de seus filhos, Orózio e Osvaldo, que estudavam na capital federal. Orózio Belém construiu carreira muito significativa como artista e professor de artes, tendo sido agraciado com alguns prêmios nos salões de que participou. Já com seu pai não ocorreu o mesmo: se

em Belo Horizonte era um fotógrafo de grande prestígio, no Rio não teve inserção de grande destaque. Lucena e Godoy, em trecho biográfico sobre Olímpia Belém, esposa de Olindo, relatam que:

Em 1921, estabeleceram-se definitivamente na cidade do Rio de Janeiro, onde as circunstâncias contrariaram frontalmente o estilo de vida do esposo, provinciano e sertanejo.

Na antiga Capital Federal ele aquietou-se, vivendo de recordações do passado e dos dias de glórias vividos entre os mais preeminentes intelectuais e políticos do Estado de Minas Gerais. O contrário sucedeu com Olímpia Belém, que se transformou em mulher resoluta e dinâmica, tanto no lar, como no seio da sociedade.⁴⁶



Grupo de Senhoras aguardam a chegada dos reis belgas. Fotografia de O. Belém & Co. Belo Horizonte, 1920. Fundo Arthur Bernardes/Arquivo Público Mineiro – AB - 04 - 2 - 004. www.siaapm.cultura.mg.gov.br

Sobre a possível falta de proeminência que o texto citado sugere, é necessário lembrar que Olindo Belém já contava 48 anos quando se mudou de Belo Horizonte; portanto, já havia trilhado um grande percurso em sua vida profissional e não era mais um jovem empreendedor, como o fora na primeira década do século, em Minas Gerais. No Rio, ao que tudo indica, não teve o destaque alcançado em Belo Horizonte. O prestígio conquistado em Minas, principalmente junto aos políticos do estado, não se traduziu em capital social para que

sua inserção fosse próxima às elites políticas, econômicas e culturais cariocas, como ocorrera na capital mineira.

Se em Belo Horizonte, ainda em 1920, havia certa timidez do mercado de consumo para a fotografia, o mesmo não ocorria no Rio de Janeiro, onde a atividade fotográfica contava com um mercado já bem estabelecido havia algumas décadas. Seguindo esse raciocínio, a concorrência mais acirrada era outro fator com o qual Olindo Belém teve de lidar. A presença

de um maior número de fotógrafos talvez tenha feito com que ele não se diferenciasse tanto, mas essa é uma parte da história do fotógrafo que merece maior investigação.

Segundo informações dos familiares, no Rio de Janeiro, Olindo Belém abriu um estabelecimento de fotografia, denominado Rio Studio, que teria funcionado até o fim da década de 1930. O que consta nas lembranças da família é que o encerramento de suas atividades profissionais teria sido motivado por uma grande decepção familiar. O filho que o acompanhava na atividade fotográfica, Osvaldo Belém, teria se engajado no movimento integralista e fora preso em virtude desse envolvimento, mas essa é uma história que também merece ser melhor investigada. Esse fio da trama, se puxado, poderá trazer à tona alguns aspectos da trajetória de Olindo Belém na capital federal. Em sua família, restam poucas lembranças dessa época. O acervo familiar é bem restrito e não faz jus a toda a produção desenvolvida pelo artista durante sua trajetória profissional. Mais que lembranças, impera o esquecimento. A memória de Olindo Belém, fotógrafo, artista, empresário e empreendedor cultural, está refém da relação, contraditória e complementar, entre a lembrança e o esquecimento. O esquecimento foi imposto pela ação do tempo e, talvez, também por opção familiar.

Por ora, podemos afirmar que a trajetória de Olindo Belém em Belo Horizonte colabora para a instituição de um campo para o exercício da fotografia na cidade. Mas ela também é formada pelas práticas, processos e procedimentos já estabelecidos que provêm, em grande medida, da experiência de muitos fotógrafos com a pintura, principalmente. Sua trajetória é reveladora do modo como a fotografia foi instalada em Belo Horizonte e de como foi possível o exercício de um ofício numa cidade que então se estruturava. Algumas características dessa trajetória podem ser destacadas,

como a proximidade com o poder público, que se torna um dos principais clientes para os fotógrafos; a tradução da cidade em imagens fotográficas, como nos seus postais ou na fotopintura premiada; a busca de espaços para a veiculação e exposição de fotografias, seja na imprensa, na vitrine de seu ateliê e das lojas, seja nas exposições que ajuda a organizar; e, fundamentalmente, o fato de ter contribuído para o estabelecimento da fotografia como um negócio.

Ao produzir imagens para cartões-postais, publicar suas fotos na imprensa e realizar os retratos de homens públicos, Olindo Belém colaborava para a gênese de uma cultura visual fotográfica em Belo Horizonte. Uma cultura visual ainda muito apegada aos modos de composição e de produção da imagem provenientes do século anterior, mas já com o desafio de registrar o novo ambiente urbano e seus novos sujeitos. E, tendo em vista suas outras atividades, podemos concluir que ele estava empenhado, principalmente, em estabelecer um circuito cultural na cidade.

A mudança de Olindo Belém é um dos deslocamentos na sua trajetória que movimenta a si próprio e sua família e que alimenta o modo como um mercado para a fotografia foi constituído na cidade. Ou seja, por meio da influência dos demais centros urbanos, principalmente da então capital federal, que concentrava capitais, profissionais e que era o espaço onde aportavam as principais novidades fotográficas, vindas da Europa e dos Estados Unidos. O deslocamento é espacial e simbólico. Além disso, é também constitutivo da trajetória do fotógrafo e do processo de formação de uma cultura visual, que somente pode ser compreendida se inserida no processo de transformação da imagem em representação. Esse processo promove a construção de identidades, concede aos sujeitos uma forma de apresentação social e expressa um movimento de disputa pela hegemonia social.

Notas |

1. ARRUDA, Rogério Pereira de (Org.). *Album de Bello Horizonte*. Edição fac-similar com estudos críticos. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. BARTOLOMEU, Anna Karina Castanheira. Pioneiros da fotografia em Belo Horizonte: o Gabinete Fotográfico da Comissão Construtora da Nova Capital (1894-1897). *Vária História* – Revista do Departamento de História, Belo Horizonte, n. 30, p. 37-66, 2003. BORGES, Maria Eliza Linhares. Práticas fotográficas em uma realidade de localização periférica: o caso do Foto Clube de Minas Gerais. *Boletim* (Grupo de estudos do Centro de Pesquisas em Arte & Fotografia), v. 2, p. 65-72, 2007. CHRISTO, Maralaz de Castro Vieira. A fotografia através de anúncios de jornais. Juiz de Fora (1887-1910). *Locus* – Revista de História, Juiz de Fora, v. 6, n. 1, p. 127-146, 2000. CAMPOS, Luana Carla Martins. A fotografia em Belo Horizonte (1897-1920): os primeiros fotógrafos nos reclames publicitários. *Cronos* – Revista de História, Pedro Leopoldo, n. 10, p. 233-243, ago. 2006. RIBEIRO, Rúbia Soraya Lelis. “Cidade a fervilhar, cheia de sonhos”: imagens da modernidade em São João del Rei, Minas Gerais. In: BORGES, Maria Eliza Linhares (Org.). *Campo e cidade na modernidade brasileira*: literatura, vilas operárias, cultura alimentar, futebol, correspondência privada e cultura visual. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008. SOUZA, Flander; FRANÇA, Verônica Alkmin (Org.). *O olhar eterno de Chichico Alkmin/The eternal vision of Chichico Alkmin*. Belo Horizonte: Ed. B, 2005.

2. Este artigo é um dos resultados da pesquisa *A fotografia em Belo Horizonte: os fotógrafos, as práticas e os processos entre 1899 e 1915*, realizada no Uni-BH – Centro Universitário de Belo Horizonte. O trabalho contou com uma bolsa de iniciação científica da Fapemig. Fizeram parte da equipe de bolsistas Luciana Guimarães, Marina Pêgo, Raquel Gonzaga e Cynara Bastos, que colaborou na redação inicial. Para esta publicação, o período de referência do estudo foi estendido até 1921 e contou, na pesquisa, com a colaboração da aluna Ana Karina Bernardes. Agradecemos aos professores. Rodrigo Vivas Andrade e Luiz Morando Queiroz a leitura de uma das versões do texto e suas preciosas sugestões. A versão final do artigo é fruto desse diálogo, todavia, ressaltamos que seu teor é de nossa inteira responsabilidade.

3. A definição de cultura fotográfica aqui trabalhada encontra-se em TURAZZI, Maria Inez. Uma cultura fotográfica. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 27, 1998. O tema é também discutido em CANABARRO, Ivo. Fotografia, história e cultura fotográfica. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. XXXI, n. 2, p. 23-39, dez. 2005.

4. BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (Org.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

5. O tema da constituição de um mercado para a fotografia no Brasil aparece em alguns autores, entre eles CHRISTO. A fotografia através de anúncios de jornais. KOSSOY, Boris. *Origens e expansão da fotografia no Brasil – século XIX*. Rio de Janeiro: Funarte, 1980. MOURA, Carlos E. Marcondes de. *Retratos quase inocentes*. São Paulo: Nobel, 1983. VASQUEZ, Pedro Karp. *A fotografia no império*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

6. Foram catalogados 18 fotógrafos, três auxiliares de fotografia, quatro estabelecimentos que comercializavam produtos fotográficos e dois estabelecimentos fotográficos sem a respectiva identificação de fotógrafo. As fontes de investigação principais da pesquisa foram os periódicos publicados na cidade até 1921, guardados na Hemeroteca Histórica da Superintendência de Bibliotecas do Estado de Minas Gerais, na Coleção Linhares da Biblioteca Central da UFMG e no Museu Histórico Abílio Barreto. Foi feito um levantamento das notícias diversas e dos anúncios sobre fotografia e fotógrafos em atuação na capital mineira que se encontram publicados na imprensa. Entre os periódicos consultados destacam-se os jornais *Bello Horizonte*, *Diário de Minas* e *O Propagador Mineiro*, bem como as revistas *Vita*, *Vida de Minas*, *A Vida de Minas*, *Tank*, *Vida Mineira*, os almanaques *Guia de Bello Horizonte* de 1912 e 1913 e o *Anuário de Minas Geraes* de 1907, 1913 e 1918.

7. NAVA, Pedro. *Chão de ferro*: memórias 3. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

8. O Gabinete Fotográfico funcionou no âmbito da estrutura administrativa da CCNC. Desenvolveu suas atividades no período de construção da cidade, estando incumbido do registro do arraial a ser destruído e do processo de construção, bem como executar a reprodução das plantas e projetos propostos para a nova capital.

9. Não mencionamos afirmar que inexistia uma cultura visual no arraial do Curral del Rei; no entanto, ela não estava pautada pelos contornos de uma sociedade urbana e direcionada para a busca do progresso econômico e cultural.

10. KOSSOY, Boris. *Dicionário histórico-fotográfico brasileiro*: fotógrafos e ofício da fotografia no Brasil (1833-1910). São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2002. RIBEIRO, Marília Andrés; SILVA, Fernando Pedro da (Org.). *Um século de história das artes plásticas em Belo Horizonte*. Belo Horizonte: C/Arte, Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1997.

11. O Colégio Americano Granbery foi idealizado por missionários metodistas norte-americanos, tendo sido fundado em 1889, iniciando suas atividades em 1890, sob a direção do professor John M. Lander, o primeiro reitor da instituição. Disponível em http://www.granbery.com.br/site/index.php?centro=historia&lado=lado_instituicao. Acesso em 15 de janeiro de 2008.

12. BARRETO, Abílio. *Memória histórica e descritiva*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1997.

13. A família de Olindo Belém produziu, em 1883, uma síntese sobre sua vida, que nos forneceu algumas informações mais seguras sobre sua biografia. Agradecemos ao senhor Jorge Napoleão Belém da Fonseca, neto de Olindo Belém, a gentileza em nos dar acesso a essas informações, inclusive completando-as com dados de seu conhecimento, bem como por nos permitir a consulta e a reprodução do acervo fotográfico familiar.

14. Sobre esta questão ver: KOUTSOUKOS, Sandra Sofia Machado. O aprendizado da técnica fotográfica por meio dos periódicos e manuais – segunda metade do século XIX. *Fênix*, Revista de História e Estudos Culturais, Uberlândia, v. 5, ano 5, n. 3, jul./ago./set. 2008. Disponível em <http://www.revistafenix.pro.br>. Acesso em 10 de janeiro de 2009.

15. CHRISTO. A fotografia através de anúncios de jornais, p. 127-146. KOSSOY. *Origens e expansão da fotografia no Brasil*. VASQUEZ. *A fotografia no império*.

16. Uma breve abordagem sobre os reclames publicitários na imprensa belo-horizontina do período pode ser encontrada em CAMPOS. A fotografia em Belo Horizonte (1897-1920), p. 233-243. Essa mesma autora defendeu dissertação de mestrado, em novembro de 2008, na UFMG, sobre a fotografia em Belo Horizonte no mesmo período, à qual não tivemos acesso ao finalizarmos este texto. O trabalho promete ser uma boa referência sobre a história da fotografia na cidade. Cf. CAMPOS, Luana Carla Martins. “Instantes como estes serão para sempre”: práticas e representações fotográficas em Belo Horizonte (1894-1939). 2009. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

17. DIÁRIO DE MINAS. Cidade de Minas, ano I, jul.-ago. de 1899. Anúncios publicados de 26 a 29 de julho e de 1º a 6 de agosto de 1899.

18. BARRETO, Abílio. *Fotógrafos*. Museu Histórico Abílio Barreto, Manuscrito. [s. d.].

19. Anteriormente a essa data, o artista estava estabelecido à rua da Bahia, 1.044. A inauguração do novo ateliê do fotógrafo foi registrada na imprensa, que louvou as qualidades do estabelecimento. Esclarece a

nota que, com essa finalidade específica, o artista construiu um prédio que contava com “[...] salão para exposição de quadros de arte em photographia e pintura, sala de espera, sala de ‘toilette’, vasta e arejada câmara escura para revelação de chapas, etc, etc [...]”. VIDA MINEIRA. Belo Horizonte, n. 1, 7 set. 1910.

20. *Urca*: construção e permanência de um bairro. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Departamento Geral de Patrimônio Cultural, 1988. 48 p. (Coleção Bairros Cariocas, v. 1)

21. BORGES, Maria Eliza Linhares. A exposição nacional de 1908 e a produção da identidade nacional brasileira. *Anais do Museu Histórico Nacional*, Rio de Janeiro, v. 40, p. 73-94, 2008. LEVY, Ruth. *Entre palácios e pavilhões*: a arquitetura efêmera da exposição nacional de 1908. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ, 2008.

22. KOSMOS: Revista artística, científica e litteraria. Rio de Janeiro: Director proprietário Jorge Schimitdt, ano IV, n. 7, julho de 1907.

23. KOSMOS: Revista artística, científica e litteraria. Rio de Janeiro: Director proprietário Jorge Schimitdt, ano IV, n. 7, julho de 1907.

24. *Catálogo Geral dos Productos Enviados à Exposição Nacional pelo Estado de Minas Geraes*. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, de Rodrigues & C., 1908. p. 96.

25. A fotopintura, criada por André Adolphe Eugène Disdéri, em 1863, é obtida a partir de uma base fotográfica copiada em baixo contraste. A base pode ser uma tela ou mesmo um papel, sobre a qual se aplicam as tintas adequadas, a óleo, para a tela, e a guache, para o papel. Mais detalhes sobre a definição podem ser encontrados em http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos. A obra em questão encontra-se em poder do Museu Histórico Abílio Barreto, em Belo Horizonte. De acordo com informação do responsável técnico do MHAB, não foi realizado estudo químico dela a fim de detectar a presença de resíduos de prata, o que comprovaria, de fato, que se trata de uma fotopintura.

26. GUIA DE BELLO HORIZONTE: Indicador da capital. Organizado por Felipe Veras e Antonio Moreti. Belo Horizonte, ano I, 1912.

27. Discussões sobre o pictorialismo podem ser encontradas em FABRIS, Annateresa (Org.). *Fotografia*: usos e funções no século XIX. São Paulo: Edusp, 1998.

28. DIÁRIO DE MINAS. Belo Horizonte, ano VII, março de 1915.

29. Um alentado trabalho sobre as exposições é o de TURAZZI, Maria Inez. *Poses e trejeitos*: a fotografia e as exposições na era do espetáculo (1839/1889). Rio de Janeiro: Funarte/Rocco, 1995.

30. JÚNIOR, Rubens Fernandes; LAGO, Pedro Corrêa do. *O século XIX na fotografia brasileira*. Coleção Pedro Corrêa do Lago. São Paulo: Francisco Alves, FAAP. p. 19.

31. PINTO, Raymundo. *Tratado pratico de photographia*. Belo Horizonte: Typ. Beltrão & Comp., 1904.

32. O PROPAGADOR MINEIRO: Órgão de Propaganda Commercial, Industrial e das riquezas naturaes do Estado. Belo Horizonte, ano I, n. 1, 21 abr. 1907.

33. PROTEU. Revista de Pensamento (Sciencias, Letras, Artes, Mundanismo). Belo Horizonte, ano I, n. 2, out. 1920.

34. CHRISTO. A fotografia através de anúncios de jornais Juiz de Fora (1887-1910), p. 127-146. MOURA, Carlos E. Marcondes de. *Retratos quase inocentes*. São Paulo: Nobel, 1983. p. 12.

35. Uma discussão sobre a profissionalização da atuação do fotógrafo no Brasil, a partir da década de 1930, pode ser encontrada em COELHO, Maria Beatriz R. de V. O campo da fotografia profissional no Brasil. *Vária História*, Belo Horizonte, v. 22, n. 35, p. 79-99, jun. 2006.

36. A GAZETA. Belo Horizonte, ano II, n. 15, p. 2, 7 maio 1908.

37. ANNUARIO DE MINAS GERAES. Publicado sob a direção de Nelson de Senna. Belo Horizonte, ano II, 1907.

38. No *Album de Bello Horizonte*, organizado por Raimundo Alves Pinto e Tito Lívio Pontes, em 1911, foram incluídas algumas fotografias de O. Belém.

39. FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. *Bello Horizonte*: bilhete postal: coleção Otávio Dias Filho. Belo Horizonte: Centro de Estudos Históricos e Culturais da Fundação João Pinheiro, 1997.

40. VITA: Revista de Letras e Artes. Belo Horizonte, ano I, n. I, jul. 1913.

41. DIARIO DE MINAS. Belo Horizonte, ano VI, n. 1474, 6 jul. 1914.

42. DIARIO DE MINAS. Belo Horizonte, ano VI, n. 1472, 4 jul. 1914.

43. Nesse período, a escolha do prefeito era uma decisão que cabia ao presidente do estado, ficando assim restrita à elite política. Essa situação perdurou até 1947, quando se implantou a eleição municipal para o cargo executivo.

44. PINTO. *Tratado pratico de photographia*, p. 13.

45. PINTO. *Tratado pratico de photographia*, p. 14.

46. LUCENA, Antônio de Souza; GODOY, Paulo Alves. *Personagens do espiritismo*. São Paulo: Edições FEESP, 1982.

Rogério Pereira de Arruda é doutorando em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde também realizou o mestrado em Comunicação Social e a graduação em História. Atualmente, é professor de História no Centro Universitário de Belo Horizonte (Uni-BH) e nas Faculdades Pedro Leopoldo (Fipel), instituições nas quais exerce a docência e a pesquisa nas áreas de História do Brasil, História da Fotografia e Metodologia da História. Organizou o livro *Album de Bello Horizonte* – edição fac-similar com estudos críticos (Autêntica, 2003).